

População Em Movimento: demografia, bem estar social e desenvolvimento turístico

Ricardo de Oliveira Rezende ¹

Resumo

O presente trabalho pretende discutir acerca das interfaces entre os campos de estudo do turismo e da demografia. Tem-se entendido que a estrutura etária de dada população constitui o fator demográfico dominante nas tendências do turismo para o futuro, mas são significantes também a desagregação da família nuclear tradicional em muitos países ocidentais. O aumento do número de pais solteiros, as pessoas se casando mais tarde ou nunca se casando, pessoas tendo menos filhos ou não tendo filhos não só influencia as características demográficas, mas também afeta o padrão de tirar férias e das viagens de lazer. Além disso, o crescimento dos fluxos migratórios para países desenvolvidos, especialmente em busca de trabalho pode contribuir para o crescimento econômico no âmbito de uma população envelhecida. Com isso, espera-se também que a migração contribua para o desenvolvimento de novos padrões de turismo transnacional já que os grupos de migrantes procuram manter relacionamentos familiares em seu país de origem. Por outro lado, sabemos que a transição demográfica é uma das condições para um dado país e sua população atingirem o bem-estar social. Sendo assim, procuramos neste trabalho, através de busca de dados secundários, analisar a relação do desenvolvimento turístico e o bem-estar social. Mostramos que os países que apresentam maior porcentagem de turistas em suas populações são aqueles em que foi implantado um Estado de Bem-Estar, tais como Suécia, Noruega e Dinamarca. Mostramos também que se a justiça social é fator propulsor do turismo internacional (pela geração de fluxos emissivos), a recíproca não é necessariamente verdadeira. Apontamos através de dados secundários que os maiores países receptores de turistas não têm bons índices de desenvolvimento (IDH).

Palavras-chave: turismo. demografia. bem estar. desenvolvimento.

¹ Mestrando em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais - Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE).

Introdução

O conceito de turismo ainda é bastante discutido e ainda muito controverso, visto que a atenção da ciência pelo fenômeno ainda é muito recente e dado também que a atividade, conforme a conhecemos atualmente se iniciou somente no final do século XIX, mais precisamente em 1841, na Inglaterra, com as viagens de trem, organizadas pelo precursor do turismo, Thomas Cook.

Mesmo assim, alguns autores, como Jafar Jafari (apud IGNARRA, 1999, p. 12) vêm entendendo o fenômeno do turismo como:

(...) o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sociocultural da área receptora.

Já para De La Torre (apud IGNARRA, 1999, p. 13), enfatizando a dimensão social do deslocamento de pessoas em busca de lazer, afirma que o turismo é:

(...) é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura, saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas interrelações de importância social, econômica e cultural.

Assim, o presente trabalho pretende retomar as discussões acerca das interfaces entre os campos de estudo do turismo e da demografia. Como pode a demografia e o conhecimento da população ser útil para o desenvolvimento da atividade do turismo? Responder a esta questão, pode ser um exercício muito interessante, permitindo estudar as condições populacionais que corroboram ao desenvolvimento do turismo e consequentemente trazendo questões muito relevantes para a área.

Para exemplificar, alguns estudos têm sido realizados na confluência das discussões dos campos do turismo e da demografia tais como aqueles que abordam a atividade turística em pequenas localidades onde residem pequenas populações – turismo comunitário (CORIOLANO, 2009), e estudos que abordam, por exemplo, o efeito do envelhecimento populacional na demanda por turismo (MACHADO, 2006).

Estudos que tem como objeto a demografia e o meio ambiente, por exemplo, vem se preocupando com o turismo enquanto movimento populacional. Hogan (2005, p. 328) afirma que o turismo, como um movimento populacional, muitas vezes com consequências socioambientais devastadoras, merece mais investigações científicas. Para este autor todos os aspectos dos diferentes processos de mobilidade populacional que têm sido examinados e sistematizados têm uma dimensão ambiental relevante.

Este trabalho é um estudo teórico realizado através de revisão bibliográfica e busca de dados secundários para delinear como as condições das populações podem influenciar no desenvolvimento do turismo, enfatizando as relações entre bem-estar social e o desenvolvimento do turismo.

Aproximações entre a Demografia e a Economia do Turismo

Arrilaga (1976, p. 164-165) explica que o aumento demográfico já foi visto como um fator favorável ao desenvolvimento do turismo. Assim, num primeiro momento, quanto maior a população maior a quantidade de turistas. Isso se daria, posto que determinadas condições demográficas são essenciais para o movimento de massas de um lugar para o outro. No entanto, existem outros fatores a serem analisados.

O autor argumenta que o fenômeno turístico não nasce até o século XIX que é quando a população mundial inicia seu contemporâneo e considerável crescimento (ARRILLAGA, 1976). O turismo como conhecemos atualmente nasce, como muitos autores gostam de lembrar, no ano de 1841, na Inglaterra. Trata-se do período conturbado de nascimento do capitalismo industrial, no qual ocorrem inúmeras transformações sociais que levam à hegemonia do modo de produção capitalista.

Seria, segundo Arrillaga (1976), interessante, para comprovar a hipótese de que o número de turistas está relacionado ao aumento populacional, comparar o aumento da população dos países que hoje são os principais emissores de turistas com as correntes turísticas produzidas por eles. Afirma o autor que quando a população é escassa tende-se a produzir um número ainda menor de turistas. Para ele parece haver uma correlação entre o volume e aumento da população e o aumento das correntes turísticas.

No entanto, não convém exagerar a importância do fator população no crescimento da atividade turística. Sabemos que China e Índia ainda não são os maiores emissores de turistas no âmbito global, mas suas populações são algumas das maiores. A população é um fator importante no desenvolvimento do turismo, mas não definitivo, pois há muitas outras características da população que influenciam na sua predisposição ao lazer e às viagens. Segundo Arrillaga (1976) são mais importantes os fatores de índole qualitativa, como por exemplo, o nível cultural e educacional. Países de maior “densidade turística” são aqueles que têm menor proporção de analfabetos.

O autor propõe a chamada “densidade turística”, que é calculada através da divisão do número de pessoas ausentes de seu domicílio pela população total. Já a densidade turística relativa é calculada dividindo-se não pela população total, mas pela população economicamente ativa. Assim, o que se propõe é que quanto maior a população ativa, menor a densidade turística, posto que haveria menos pessoas com disponibilidade de tempo para o lazer e as viagens. Atualmente a Organização Mundial de Turismo (OMT) tem consolidado estatísticas sobre os fluxos turísticos de vários países.

O tipo de ocupação das pessoas e seu habitat ou mesmo sua origem étnica também são fatores a serem levados em consideração na análise da relação entre a atividade turística e a demografia. Segundo Arrillaga (1976) nações agrícolas proporcionam menor número de turistas que as industriais. Nações industrializadas e nações mais urbanizadas são as que deteriam maior densidade turística.

Assim, o autor conclui que o número total da população não é desprezível, mas exerce influência secundária sobre a amplitude e orientação das correntes turísticas. Para ele, os fatores qualitativos têm influência mais significativa. Conclui o autor, que o nível cultural, a urbanização, o desenvolvimento econômico, a industrialização podem, juntamente com a densidade turística, ajudar a explicar as correntes turísticas.

Em síntese, Arrillaga (1976) propõe como fatores para o desenvolvimento das correntes turísticas: 1) a população, 2) a moda, 3) o desenvolvimento técnico, 4) a industrialização, 5) a prosperidade econômica e 6) a justiça social. Por sua vez, Beni (2001, p. 217) coloca que os critérios gerais objetivos a influenciar na propensão

individual para viajar são: população, urbanização, duração do lazer, *status* social, *status* individual, atividades econômicas e flutuações de câmbio.

Beni (2001) afirma que o fator demográfico só faz sentir sua influência sobre o desenvolvimento do turismo nos países que já atingiram um nível de renda suficiente para reservar parte dela às atividades turísticas. Este autor também corrobora com Arrilaga, afirmando que há uma relação forte entre o estágio de industrialização de um país e o turismo. Diz o autor que:

A realidade turística prova que as férias são um privilégio do mundo industrializado, que já atingiu uma importante elevação do nível de vida, como por exemplo a América do Norte, certos países da Europa Ocidental, o Japão, a Austrália e alguns países do Leste Europeu. O resto do mundo só atingiu, até agora, níveis econômicos relativamente baixos (BENI, 2001, p. 218).

Beni ainda afirma que a demanda turística potencial é da ordem de um terço dos 6 bilhões que compõem atualmente a população mundial, o que significaria em torno de 1,9 bilhões de turistas, levando em consideração fluxos domésticos e internacional de cada país. Segundo o autor, existiria um volume enorme de pessoas que esperando para entrar na sociedade do lazer. Esta entrada, em grande parte dependeria da constituição de sociedades que ofereçam razoável proteção social (saúde, seguridade social, educação, etc.) associada a uma economia robusta.

A despeito de análises mais acuradas como as de Beni (2001) e Arrilaga (1976), ainda há autores de renome internacional que ainda acreditam em conceitos como o de “explosão demográfica”. Goeldner, Ritchie *et* McIntosh (2002) são um exemplo de que ainda resiste o pensamento malthusiano acerca da explosão da população no mundo em desenvolvimento. Os autores citados, ao abordar as transformações demográficas e sua influência na atividade turística, afirmam:

Embora muito pouco nas ciências sociais seja realmente previsível, existe uma exceção clara: a demografia da população atual do mundo. Nesse aspecto, as forças da mudança que irão impulsionar e definir a face da nova geração, já estão evidentes. As populações do mundo ocidental desenvolvido estão envelhecendo e irão diminuir em seu tamanho relativo. **Ao mesmo tempo, as populações do mundo em desenvolvimento continuarão a explodir.** Ainda que em curto prazo, essas transformações possam apresentar oportunidades para o setor turístico, elas também levantam questões bastante fundamentais em longo prazo. Essas questões estão relacionadas não apenas com a distribuição de renda e riqueza, da qual depende o turismo, mas também com a distribuição geográfica da população mundial (GOELDNER; RITCHIE; MCINTOSH, 2002, grifo nosso).

Um dos mais conceituados pesquisadores do turismo e professor da Universidade de Wisconsin, Jafar Jafari (2003, p. 139), por sua vez, analisa que a demografia vê o turismo como uma forma de migração temporária. Para o autor, os demógrafos procuram entender questões como o impacto do turismo na sociedade e na economia, os padrões históricos, a consequência de mudanças na sociedade (tais como o envelhecimento da população ou crescimento econômico) sobre as tendências do turismo, os efeitos da expectativa de vida e melhores condições de saúde sobre padrões e atividades do turismo e os efeitos das políticas públicas (por exemplo, a proteção versus o uso múltiplo dos parques) sobre o turismo.

Ainda segundo Jafar Jafari (2003, p. 139), os dados demográficos também são úteis para resolver o problema como a identificação de motivações para a viagem. Jafari conclui que a demografia é uma ferramenta útil para os investigadores, dentre eles os que pesquisam o turismo. Ela é empregada principalmente na previsão de demanda para comercialização e promoção, e na avaliação de impacto para facilitar o desenvolvimento e gestão de destinos. Segundo o autor, vários fatores são tradicionalmente considerados na condução da análise demográfica de um mercado, tais como a área geográfica de residência, idade, sexo, tamanho da família, renda domiciliar (renda disponível), educação e ocupação. Ainda seria útil incluir nos estudos e projetos, as características de estilo de vida como tendência para a viagem, as preferências de lazer, hábitos de mídia, propriedade de casas, automóveis e equipamentos desportivos.

Reforça ainda o autor que são muito importantes bancos de dados sobre os visitantes. Estes podem ser recolhidos a título individual ou em conjunto com outro destino, atração ou evento. Segundo o autor, a coleta de dados primários requer habilidades na escrita de questionários e na utilização de metodologias de distribuição. Problemas associados à coleta de dados incluem a obtenção de taxas de resposta estatisticamente fiáveis e exclusão inadvertida de grupos como os falantes de línguas estrangeiras ou de pessoas economicamente desfavorecidas. Para o autor, no verbete ‘demografia’ de sua enciclopédia do turismo, os formatos de pesquisa que normalmente são utilizadas são as entrevistas pessoais e questionários auto-administrados (JAFARI, 2003, p. 139).

Entrando na questão do consumo, Hall (2006) afirma que a demografia é um fator importante na avaliação da produção e consumo do turismo. Para ele, a demografia é o estudo das características das populações humanas, sendo, portanto, muito importante para o turismo. Segundo o autor, qualquer questionário que trata sobre o turismo recolhe o perfil demográfico de seus entrevistados, os turistas, a fim de obter dados empíricos (HALL, 2006, p. 9).

Ainda segundo Hall (2006, p. 17), embora o envelhecimento da população seja um fator dominante nas tendências demográficas do turismo no futuro, outros fatores também serão significativos, como por exemplo, a desagregação da família nuclear tradicional em muitos países ocidentais, marcada pelo aumento dos pais solteiros, as pessoas se casando mais tarde, as pessoas não se casando e muitas pessoas não tendo filhos. Estas transformações não só influenciam as características demográficas, mas também afetarão, em longo prazo, o padrão de “tirar férias” e de viajar por lazer. O autor também aponta que na medida em que as populações migrantes tendem a manter os relacionamentos em seus países de origem, a migração poderá contribuir para o aumento dos padrões de turismo transnacional (HALL, 2006, p. 17).

Hall (2006) ainda conclui que as implicações dessas mudanças demográficas para o turismo são complexas e precisam ser vistas também em relação a outros fatores, especialmente em relação às mudanças ambientais globais. O autor alerta para o fato de que a precariedade de recursos naturais pode afetar gravemente o crescimento do turismo no mundo menos desenvolvido. Para o autor, um dos principais entraves ao crescimento populacional, bem como o turismo está associado ao custo da energia, dilema no qual o turismo se insere por depender do transporte para sua existência. Coloca ainda o autor que um das respostas imediatas da indústria turística às alterações demográficas, é o desenvolvimento contínuo de produtos destinados a famílias monoparentais, como por exemplo, creches em resorts e hotéis e, mais significativamente, o crescimento substancial na dotação de infra-estruturas e serviços para idosos (HALL, 2006, p. 17-18).

Já Foot (2004, p. 33) lembra que em geral, o envelhecimento das populações altera suas opções de lazer ao longo do tempo de atividades desportivas para atividades de lazer menos ativas. Medlick (2003), por outro lado, aponta que a demografia é

ferramenta para as ações de segmentação de mercado, crescentemente utilizadas no âmbito da gestão do turismo. O autor afirma que os fatores demográficos são de particular importância no planejamento, desenvolvimento e comercialização do turismo, uma vez que fornecem a base para a segmentação de mercado.

Turismo, Transição Demográfica e Bem-Estar Social

Retomando o que disse Arrillaga (1976) acerca dos fatores para o desenvolvimento das correntes turísticas, que seriam população, moda, desenvolvimento técnico, industrialização, prosperidade econômica e justiça social, podemos ver que eles estão direta ou indiretamente ligados com uma transformação na estrutura da população que é a chamada “transição demográfica”. A transição demográfica é o fenômeno que “começa com a queda das taxas de mortalidade e, depois de um certo tempo, prossegue com a queda das taxas de natalidade, o que provoca uma forte mudança na estrutura etária da pirâmide populacional” (ALVES, 2008, p. 3). Alves (2008) coloca que:

Toda essa caminhada rumo ao alargamento dos horizontes da sobrevivência, que começou com a redução do óbito precoce e a queda da mortalidade infantil, é uma condição *sine qua non* para os investimentos em educação e capital humano, base para o processo de desenvolvimento econômico e da melhoria da qualidade de vida.

Assim, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento econômico, conforme relaciona o autor citado, estaria ligado às transformações na estrutura populacionais, basicamente pelo efeito da redução da mortalidade seguida da queda da natalidade. Para Alves (2008, p. 3-4) nenhum país do mundo ficou alheio à transição demográfica; os países desenvolvidos já teriam diminuído as taxas de mortalidade e natalidade e o mundo em desenvolvimento tendo conseguido lograr a redução da mortalidade precisariam de algumas décadas para obter o crescimento vegetativo igual a zero.

Obviamente que somente a transição demográfica não é fato que basta ao desenvolvimento econômico, conforme afirmou Alves (2008, p. 9) os benefícios advindos dessa oportunidade demográfica “seriam de pouca valia se não houvesse um aumento dos investimentos em educação e uma maior qualificação de homens e

mulheres”. Para Alves (2008, p. 10) “uma população com maiores níveis de escolaridade e com igualdade de gênero no acesso à escola é condição indispensável para a construção de uma sociedade mais próspera e mais justa”.

Neste sentido, podemos avaliar que os países que mais avançaram em termos de uma sociedade próspera e justa, foram os países que investiram na proteção social de seus cidadãos, ou seja, aqueles países em que houve aquilo que podemos chamar de Estado de Bem Estar Social. Mas o que tem isso a ver com o turismo, que o tema central desse trabalho? São justamente os países que desenvolveram extensa rede de proteção e bem-estar social, os países que mais emitem turistas ao nível mundial, ou seja, são os países onde as pessoas têm mais recursos e tempo livre disponíveis para viajar, conforme pretendemos mostrar com dados estatísticos.

Beni (2001, p. 218) chama atenção, através das estatísticas da Organização Mundial do Turismo (OMT), para os países que apresentam maiores porcentagens de turistas em relação a suas populações totais:

Tabela 1**Ranking dos países com maiores percentuais de turistas em relação à população**

Posição	País	%
1º	Suécia e Noruega	78,0
2º	Dinamarca	66,0
3º	Inglaterra	60,0
4º	França, Bélgica e Suíça	54,0
5º	Alemanha e Países Baixos	52,0
6º	Áustria	40,0
7º	EUA	52,0
8º	Itália	30,0
9º	Espanha e Argentina	30,0

Fonte: dados da OMT *apud* Beni (2001, p. 218)

Inevitável notar que os países que encabeçam a lista são aqueles que historicamente constituíram um Estado de Bem Estar Social, como por exemplo, os países nórdicos (Suécia, Noruega e Dinamarca) e europeus ocidentais como Inglaterra e França.

Para Beni (2001, p. 219) uma vez ultrapassado um certo nível de renda, a estrutura da população por idade é de longe o fator mais importante que age sobre as

taxas de saída (de turistas), ainda que o efeito sobre a evolução do turismo não pareça evidente. Segundo o autor, a composição por faixas etárias pode ser de grande utilidade na medida em que as pessoas de mais idade podem constituir um grupo de indivíduos disponíveis para o turismo, sobretudo se sua capacidade financeira for elevada, como a dos norte-americanos.

De fato, a análise feita por Cruz (2009, p. 103) é bastante interessante na medida em que enfatiza, expondo ao contrário, a relação que analisamos. Segundo a autora,

(...) se de um lado o desenvolvimento econômico, social e humano de uma nação parece ser importante fator propulsor do turismo internacional (pela geração de fluxos emissivos), a recíproca não é necessariamente verdadeira. De fato, o desenvolvimento econômico, social e humano de uma nação é fruto de um complexo feixe de fatores históricos, econômicos, sociais e políticos, do qual o turismo é apenas uma pequena parte.

A autora chama atenção para o fato de que a condição social de um país proporciona oportunidade para que as pessoas possam ser liberadas do trabalho e viajar. No entanto a autora mostra que os países que são os maiores receptores do turismo mundial são, com algumas exceções, países com índices de desenvolvimento (IDH) não muito bons, conforme vemos adiante.

A autora pretende suscitar a discussão muito polêmica e já apontada por outros autores, que entende que o desenvolvimento geral de um país é que permite que o turismo se desenvolva e não o contrário. François Ascher (apud YAZIGI *et al.*, 2002, p. 11) já havia dito que não é o turismo que permite o desenvolvimento, mas o desenvolvimento geral de um país que torna o turismo possível. De forma mais radical Ouriques (2005) critica o desenvolvimento através do turismo, afirmando que o mesmo é um mito. Deste ponto de vista, o turismo pode ser considerado fator de desenvolvimento muito limitado.

Tabela 2
Vinte maiores países receptores de turistas em 2004 vs. IDH, 2007/2008

Países (ranking)	IDH
1. França	10º
2. Espanha	13º
3. Estados Unidos	12º
4. China	81º
5. Itália	20º
6. Reino Unido	16º
7. México	52º
8. Turquia	84º
9. Alemanha	22º
10. Federação Russa	67º
11. Áustria	15º
12. Canadá	4º
13. Malásia	63º
14. Ucrânia	76º
15. Polônia	37º
16. Hong Kong, China	21º
17. Grécia	24º
18. Hungria	36º
19. Tailândia	78º
20. Portugal	29º

Fonte: Cruz (2009, p. 102) com dados da Organização Mundial do Turismo (OMT) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), grifo nosso

Com a tabela acima fica fácil perceber que, com as exceções de França, Espanha, EUA, Itália e Reino Unido (sabidamente, grandes potências do turismo em termos de número de turistas e recepção de turistas), os 20 maiores receptores não são os 20 países com maiores índices de desenvolvimento (IDH). Pretende-se assim, contribuir para o entendimento de que para que o turismo, doméstico ou internacional, se desenvolva é preciso que os governos invistam em desenvolvimento e proteção social para os seus cidadãos.

O trabalho de Machado (2006, p. 50) trata de analisar as mudanças na estrutura etária da população brasileira e suas consequências para o turismo. Segundo o autor, no

Brasil o fenômeno de envelhecimento da população vem se dando rapidamente afirmando que os desafios para os governos, empresários e sociedade é se preparar para o cenário sem perder de vista o bem-estar social. Sem dúvida, se o Brasil pretende aproveitar o potencial de idosos turistas é preciso ter bem resolvido o problema de sua previdência social, para haver o mínimo de seguridade, o que permitirá que as pessoas possam viajar.

Considerações Finais

Desta forma, podemos concluir que a demografia contribui com importantes informações para subsidiar o desenvolvimento do turismo, concluímos, outrossim, que uma estrutura etária amadurecida dada pela transição da mortalidade e da fecundidade é uma configuração populacional que contribui para o desenvolvimento do turismo. Assim, pela análise dos dados que apresentamos, pudemos notar que o desenvolvimento do turismo é fortemente dado pelas condições de vida e bem-estar das populações.

Referências

ALVES, J. E. D. O Bônus Demográfico e o Crescimento Econômico no Brasil. **Aparte**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1 - 2, 06 dez. 2004.

ALVES, J. E. D. **A Transição Demográfica e a Janela de Oportunidade**. [on line] São Paulo: Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, 2008.

ARRILAGA, J. I. **Introdução ao Turismo: turismo e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

BELTRÃO, K. I.; CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Dinâmica Populacional Brasileira na Virada do Século XX**. Rio de Janeiro, IPEA 2004.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 6 ed. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

CRUZ, R. C. A. Turismo, Produção do Espaço e Desenvolvimento Desigual: para pensar a realidade brasileira. In: BARTHOLO, R.; SANZOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, p. 92-107.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; ARAÚJO, A. M. M.; VASCONCELOS, F. P. *et alii*. **Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário: atores e cenários em mudança**. Fortaleza: EDUECE, 2009. 312 p.

GOELDNER, C. R., RITCHIE, J. R. B.; MCINTOSH, R. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

HALL, C. M. *Demography*. In: BUHALIS, D.; COSTA, C. **Tourism Management Dynamics: trends, management and tools**. Oxford: Elsevier Butterworth Heinemann, 2006.

HOGAN, D. J. Mobilidade populacional, sustentabilidade ambiental e vulnerabilidade social. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 323-338, jul./dez. 2005.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

JAFARI, J. **Encyclopedia of Tourism**. London: Routledge World Reference, 2003

MACHADO, J. A. S. **Envelhecimento da População: um novo desafio para a economia do turismo no Brasil**. 2006. 67 f. Monografia (Especialização em Economia do Turismo)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

OURIQUES, H. R. **A Produção do Turismo: fetichismo e dependência**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2005.

YAZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. (Orgs). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.